

para nós. Isso foi o que expressou um pai de 96 anos de idade quando o filho lhe perguntou: “Pai, por que você vai à Igreja? Você já não enxerga, não escuta, tem dificuldade de andar. Por que você vai à Igreja?” O pai respondeu: “Por causa do sacramento. Vou à Igreja para tomar o sacramento”.

Que cada um de nós venha à reunião sacramental para ter “uma verdadeira experiência espiritual, uma santa comunhão, uma renovação para [nossa] alma”.<sup>18</sup>

Sei que nosso Pai Celestial e nosso Salvador vivem. Sou grata pela oportunidade que o sacramento me oferece de sentir o amor Deles e de partilhar do Espírito. Em nome de Jesus Cristo. Amém. ■

#### NOTAS

1. Jeffrey R. Holland, *Christ and the New Covenant: The Messianic Message of the Book of Mormon*, 1997, p. 283.
2. Ver Doutrina e Convênios 20:77.
3. Henry B. Eyring, “Para Que Sejam Um”, *A Liahona*, julho de 1998, p. 73.
4. Doutrina e Convênios 20:77, 79.
5. Tradução de Joseph Smith, Mateus 26:22 (em Mateus 26:26, nota de rodapé c, e em Bible appendix).
6. Tradução de Joseph Smith, Mateus 26:24 (em Bible appendix); ver também Mateus 26:26–28; Marcos 14:22–24; Lucas 22:15–20.
7. Ver 3 Néfi 18:7, 11; Doutrina e Convênios 20:75.
8. Ver “Como guardo meu convênio de sempre me lembrar do Salvador?” *Vem, e Segue-Me*, currículo da Escola Dominical; [LDS.org/youth/learn/ss/ordinances-covenants/remember](https://LDS.org/youth/learn/ss/ordinances-covenants/remember); *Sempre Fiéis: Tópicos do Evangelho*, 2004, pp. 168–170.
9. Doutrina e Convênios 20:77.
10. João 14:15.
11. Melvin J. Ballard, em Melvin R. Ballard, *Melvin J. Ballard: Crusader for Righteousness*, 1966, pp. 132–133.
12. João 6:48.
13. João 4:10.
14. 3 Néfi 20:8–9.
15. Doutrina e Convênios 20:77.
16. 3 Néfi 9:14.
17. Agradeço a Ann Madsen por sua orientação quanto a esse princípio.
18. Jeffrey R. Holland, *Christ and the New Covenant*, p. 283.



**Élder Chi Hong (Sam) Wong**  
Dos Setenta

## Trabalhar Juntos no Resgate

*Para ajudarmos o Salvador, temos que trabalhar juntos em união e harmonia. Todas as pessoas, todas as condições e todos os chamados são importantes.*

**O**uvimos frequentemente o Presidente Thomas S. Monson dizer que devemos “estender a mão para resgatar”.<sup>1</sup> Um relato no Novo Testamento me vem à mente. É a ilustração perfeita de como membros e missionários podem trabalhar juntos em união por meio dos conselhos de ala para resgatar os membros. A história encontra-se em Marcos 2:1–5. Considero sempre muito inspiradoras e de fácil compreensão as experiências que Jesus usou para nos ensinar certas doutrinas ou certos princípios.

Um dos personagens desse relato é um paraplégico, uma pessoa que não

conseguia se mover sem ajuda. Esse homem somente podia ficar em casa, esperando ajuda.

Nos dias de hoje, aconteceria algo semelhante ao seguinte: Quatro pessoas estavam cumprindo a designação dada pelo bispo de visitar, na casa dele, um homem que tinha paralisia. Posso ver que uma dessas pessoas era da Sociedade de Socorro; outra, do quórum de élderes; uma, do Sacerdócio Aarônico; e a última, mas não menos importante, um missionário de tempo integral. No último conselho de ala, após conversarem sobre as necessidades na ala, o bispo deu designações de “resgate”. Essas



quatro pessoas foram designadas para ajudar esse paralítico. Elas não podiam esperar que o homem viesse sozinho para a Igreja. Elas tinham que ir à sua casa e visitá-lo. Tinham de procurá-lo, e assim foram. O homem foi levado a Jesus.

“E vieram ter com ele conduzindo um paralítico, trazido por quatro” (Marcos 2:3).

No entanto, o cômodo estava cheio demais. Não conseguiram entrar pela porta. Tenho certeza de que tentaram tudo o que puderam pensar, mas não conseguiram. As coisas não acontecem sempre da forma como planejamos. Havia obstáculos no caminho do “resgate”. Mas eles não desistiram. Não deixaram o paralítico na porta. Então conversaram entre si sobre o que fariam — como levariam o homem até Jesus Cristo para ser curado. O trabalho de ajudar Jesus Cristo a salvar almas, pelo menos para eles, nunca fora tão difícil. Os quatro arquitetaram um plano — um plano nada fácil, mas trabalharam nele.

“E, não podendo aproximar-se dele, por causa da multidão, descobriram o telhado onde estava, e, fazendo um buraco, baixaram o leito em que jazia o paralítico” (Marcos 2:4).

Eles o levaram para o telhado. Presumo que, como não havia uma escada do lado de fora, devem ter levado um bom tempo para que todos subissem no telhado. Acho que deve ter acontecido deste jeito: o rapaz que pertencia à ala do paralítico subiu primeiro. Como ele era jovem e cheio de energia, não deve ter sido muito difícil. Seu companheiro de visitas de mestre familiar, do quórum de élderes, e o missionário alto e forte devem ter empurrado com força por baixo. A irmã da Sociedade de Socorro deve tê-los lembrado de tomarem cuidado e deve ter dito palavras de incentivo.



Os homens então tiraram as telhas do telhado ao passo que a irmã continuava a consolar o homem enquanto ele esperava para ser curado, mover-se sozinho e ser livre.

Essa designação de resgate exigiu que todos trabalhassem juntos. No momento crucial, seria necessário haver uma coordenação cuidadosa para baixar o paralítico pelo telhado. As quatro pessoas teriam de trabalhar em união e harmonia. Não poderia haver nenhuma discórdia entre as quatro. Tinham de baixar o paralítico no mesmo ritmo. Se alguém soltasse a corda mais rápido do que os outros três, o homem cairia da cama. Ele não conseguia se segurar sozinho devido ao seu estado de fraqueza.

Para ajudarmos o Salvador, temos que trabalhar juntos em união e harmonia. Todas as pessoas, todas as condições e todos os chamados são importantes. Precisamos estar unidos no Senhor Jesus Cristo.

Finalmente, o homem doente, paralítico, foi colocado diante de Jesus. “E Jesus, vendo a fé deles, disse ao paralítico: Filho, perdoados estão os teus pecados” (Marcos 2:5). Jesus mostrou misericórdia por ele e o curou, não só

fisicamente, mas também espiritualmente. “Filho, perdoados estão os teus pecados.” Não é maravilhoso? Será que não gostaríamos que isso acontecesse conosco? Certamente que sim.

Conhecemos alguém em nossa vida que está com paralisia espiritual, alguém que não consegue voltar para a Igreja por si mesmo? Ele ou ela poderia ser um dos nossos filhos, um de nossos pais, nosso cônjuge ou um amigo.

Com tantos missionários de tempo integral a mais, agora disponíveis nas unidades da Igreja, seria sábio que os bispos e presidentes de ramo os utilizassem melhor nos conselhos de ala. O bispo pode convidar cada membro do conselho da ala para vir com uma lista de nomes de pessoas que precisam de ajuda. Os membros do conselho da ala vão conversar e decidir com todo o cuidado qual a melhor forma de ajudar. Os bispos vão ouvir com atenção as ideias e fazer designações.

Os missionários de tempo integral são um grande recurso para as alas nessas tentativas de resgate. Eles são jovens e cheios de energia. Adoram ter uma lista de nomes específicos de

peçoas que poderiam ensinar. Gos- tam de trabalhar junto com os mem- bros da ala. Eles sabem que essas são excelentes oportunidades para encontrar peçoas. Eles são dedica- dos no estabelecimento do reino do Senhor. Têm um forte testemunho de que vão ser mais semelhantes a Cristo ao participar desses resgates.

Para terminar, gostaria de com- partilhar com vocês mais um tesouro escondido nesse relato das escrituras. Está no versículo 5: “E Jesus, [viu] a fé *deles*” (grifo do autor). Eu não tinha notado isso antes — a fé *deles*. Nossa fé conjunta também vai afetar o bem- estar dos outros.

Quem eram aquelas peçoas que Jesus mencionou? Elas bem poderiam incluir os quatro que carregaram o paralítico, o próprio doente, as peçoas que oraram por ele e todos os que estavam lá ouvindo a pre- gação de Jesus e regozijando-se em seu coração pelo milagre que logo aconteceria. Poderia também incluir um cônjuge, um pai ou uma mãe, um filho ou uma filha, um missioná- rio, um presidente de quórum, uma presidente da Sociedade de Socorro, um bispo e um amigo distante. Todos nós podemos ajudar uns aos outros. Devemos sempre estar zelo- samente envolvidos em resgatar os necessitados.

Testifico que Jesus Cristo é um Deus de milagres. Jesus Cristo ama a todos nós e tem poder de salvar e curar, tanto física como espiritua- lmente. Quando O ajudamos em Sua missão de salvar almas, também somos resgatados no processo. Destas coisas eu testifico, no sagrado nome de Jesus Cristo. Amém. ■

#### NOTA

1. Ver, por exemplo, Thomas S. Monson, “Nossa Responsabilidade de Resgatar”, *A Liahona*, outubro de 2013, p. 4.



**Élder D. Todd Christofferson**  
Do Quórum dos Doze Apóstolos

## Livres para Sempre, para Agirem por Si Mesmos

*É o desejo de Deus que sejamos homens e mulheres livres, capazes de atingir nosso pleno potencial tanto material quanto espiritualmente.*

A peça de William Shakespeare *A Vida do Rei Henrique V* inclui uma cena noturna no acampa- mento de soldados ingleses em Agin- court, pouco antes da batalha contra o exército francês. Sob uma luz fraca e parcialmente disfarçado, o rei Henrique caminha despercebido entre os seus soldados. Ele conversa com eles, tentando avaliar a confiança de suas tropas que estão em menor número e, por não perceberem quem ele é, são sinceros em seus comentá- rios. Em uma parte da conversa, eles filosofam a respeito de quem tem a responsabilidade sobre o que aconte- ce com os homens na batalha — o rei ou cada soldado individualmente.

Em determinado ponto, o rei Henrique declara: “Quanto a mim, em parte alguma poderia morrer tão satisfeito como na companhia do rei: sua causa é justa”.

Michael Williams retruca: “Isso é mais do que podemos saber”.

Seus companheiros concordam:

“Sim, ou mais do que nos compete inquirir. Já é suficiente saber que somos súditos do rei. Se sua causa for injusta, nossa obediência nos limpará de toda culpa”.

Williams acrescenta: “Mas se for injusta, o rei terá de prestar contas muito sérias”.

Não é de se surpreender que o rei Henrique tenha discordado: “Todo dever dos súditos é para com o rei; mas a alma dos súditos só a eles mes- mos pertence”.<sup>1</sup>

Shakespeare não tenta resolver esse debate na peça e, de um modo ou de outro, é um debate que continua até os dias atuais — de quem é a res- ponsabilidade pelo que acontece em nossa vida?

Quando as coisas ficam ruins, há uma tendência de culpar outras peçoas ou até mesmo a Deus. Às vezes, surge um senso de direito e os indivíduos ou grupos tentam transferir para outras peçoas ou para o governo a responsabilidade pelo